

A VISÃO DE LOURIVALDO

Roberto Fonseca
Da equipe do **Correio**

São Paulo, 8 de fevereiro de 1960, segunda-feira, 7h da manhã. O garçom Lourivaldo Soares Marques acorda assustado. Tinha acabado de sonhar com uma cidade que ele não conhecia. Um lugar com poeira para todos os lados. Prédios em construção. Uma cena que nunca havia visto.

O rapaz veste-se rapidamente. Sai para tomar café da manhã. Ao chegar no barzinho da esquina, pede um bauru (sanduíche quente de pão, presunto, queijo e tomate) e um pingado (café com leite). O amigo *Quinho* está sentado ao lado:

– Vou te contar um sonho, diz Lourivaldo.

– Tudo bem. Escuto qualquer coisa, mas não vá me dizer que você vai para Brasília, rebate Quinho.

A conversa parou por aí.

Lourivaldo nem precisou contar que havia sonhado com uma cidade. O recado já havia sido entendido. O destino dele era a futura capital, que estava prestes a ser inaugurada.

Cinco dias depois o baiano de Irecê desembarcou na Cidade Livre, atual Núcleo Bandeirante. Procurou por emprego, mas não encontrou vaga em nenhum canteiro de obras. Para não passar fome, comprou algumas revistas e começou a negociá-las na comercial da 108 Sul, ao lado das Casas Pernambucanas. Vendia também toalhas e flâmulas com a frase: “Eu fui a Brasília e não me esqueci de você”.

O comércio improvisado durou pouco mais de um mês – Lourivaldo conta que vendeu o primeiro exemplar do **Correio Braziliense** em Brasília, em 21 de abril de 1960. Logo depois, ganhou a licença para explorar definitivamente o ponto da 108, onde continua até hoje.

A banca de 2002 em nada lembra a de 1960. A área original de 15m² aumentou para 48m². A diversidade de produtos vendidos também é maior. Revistas e jornais ainda ocupam as principais prateleiras, mas dividem generosos espaços com fitas VHS (alugadas a preço

menor que o praticado no mercado, segundo garante), refrigerantes, guloseimas e máquina xerográfica. “Para manter a clientela, dou cafezinho de cortesia e sorteio brindes nas compras acima de R\$ 4,00”, diz o jornalista.

Aos 65 anos, Lourivaldo garante que se morasse em outro lugar a história dele teria sido totalmente diferente. “Brasília mudou minha vida. Tudo que consegui foi graças a essa cidade maravilhosa”, assegura o senhor careca, de óculos, que quando criança sonhava em ter uma quitanda.

Seu Lourivaldo, como é chamado pelos clientes, não conseguiu fazer fortuna. Mas juntou um bom patrimônio. As duas ex-mulheres moram em casas próprias. Os filhos (oito brasilienses legítimos) estudaram em boas escolas. Casado pela terceira vez, ele vive com Amélia Carvalho, 29, e a filha caçula, Caroline, de nove meses, numa quitinete alugada na 508 Sul. Pela mo-

radia, paga R\$ 350,00 por mês. O carro da família é uma Besta verde.

Da sua banca, vendendo revistas e jornais, Lourivaldo acompanha a história da cidade de perto. Por uma infeliz coincidência, o dia em que comemorava seu terceiro ca-

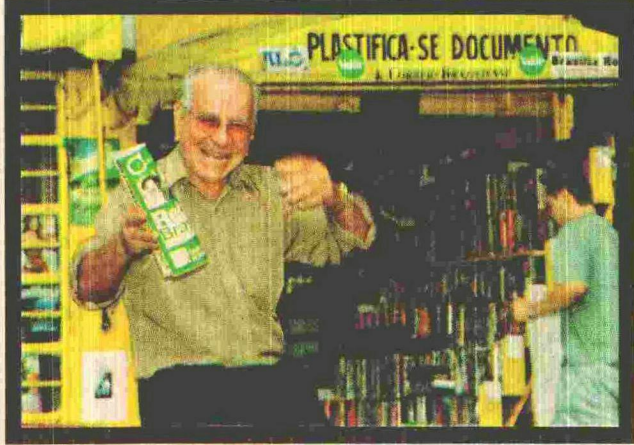
samento entristeceu a cidade. Naquele 9 de agosto de 2000, Brasília comoveu-se com a tragédia do estudante de publicidade João Cláudio Cardoso Leal, 20, espancado na saída de uma boate, na 411 Sul. Entretanto, para o jornalista um outro crime bárbaro merece ser rotulado como “o momento mais triste da cidade”.

O assassinato do índio Galdino Jesus dos Santos, queimado vivo por cinco jovens de classe média, em abril de 1997, traz tristes recordações para Lourivaldo. “Foi uma morte que chocou o Brasil no dia do aniversário da capital. Como pioneiro, senti um aperto no coração. Jovens da cidade que vi crescer envergonharam o país inteiro.”

Mesmo assim, Lourivaldo segue com a capital guardada no coração. O amor pela cidade mantém-se intacto. Em frente à histórica banca de jornal, uma placa negra presta uma homenagem ao lugar: “Brasília começou aqui.” E continua.

**UM SONHO
FUNCIONOU COMO
PREMONIÇÃO
PARA QUE O EX-
GARÇOM DEIXASSE
SÃO PAULO. HOJE,
O DONO DA BANCA
DA 108 SUL SE
ORGULHA
DE TER CRESCIDO
COM A CIDADE**

Jefferson Rudy



DA BANCA NA 108 SUL, LOURIVALDO ACOMPANHA A HISTÓRIA DA CAPITAL